

# O ensino remoto em uma escola de aprendizagem profissional durante a pandemia: adaptações, avanços e exclusões em resposta à COVID-19

Remote teaching in a professional learning school during the pandemic: adaptations, advances and exclusions in response to COVID-19

Caio Cesar Silva Nascimento <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Gerente Educacional na Fundação Getúlio Vargas e professor da Faculdade Porto União. Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e mestre em Educação Tecnológica pelo CEFET-MG. Endereço: Rua Barão de Itambi, n. 42/302. <https://orcid.org/0000-0002-5294-4359>.

## Resumo

Este trabalho pretende refletir sobre os impactos da pandemia de COVID-19 em uma escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Profissional (Senac-SP). Nesse sentido, serão expostas algumas adaptações na prática pedagógica dessa escola. Tem-se como hipótese que, apesar dos avanços relacionados à mediação e ao planejamento da ação educacional remota, a pandemia expôs ainda mais as desigualdades sociodigitais dos educandos. Não obstante, as metodologias ativas vivenciadas podem ser de grande valia para um futuro educacional mais digital e inclusivo.

**Palavras-chave:** educação remota; pandemia e educação; educação profissional

## Abstract

This paper intends to reflect on the impacts of COVID-19 pandemic on a school of the National Service for Professional Learning (Senac-SP). In this sense, some adaptations in the pedagogical practice will be exposed. Despite advances related to mediation and planning of remote educational action, the pandemic further exposed socio-digital inequalities. Nevertheless, the active methodologies experienced can be of great value for a more digital and inclusive educational future.

**Keywords:** remote education; pandemic and education; vocational education.

## Introdução

Este trabalho pretende refletir sobre os impactos do novo coronavírus (SARS-CoV-2, causador da COVID-19) nas práticas pedagógicas de uma escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac-SP). Objetiva, por meio do relato de ações e

experiências pedagógicas realizadas em ambientes digitais no período entre março de 2020 e março de 2021, discutir algumas possibilidades e exclusões no contexto do ensino remoto durante a pandemia. Minha atuação como supervisor pedagógico nessa escola do Senac-SP me possibilitou acompanhar e participar das ações descritas neste trabalho.

O texto centra-se em alguns pontos, a saber: no planejamento e na realização das aulas a distância; nas ações formativas para os funcionários; e na interatividade dos estudantes diante da ação educacional remota. Aborda-se ainda uma inclusão digital de educandos e educadores que, diante de alguns ganhos, como o desenvolvimento de competências digitais e a apropriação de tecnologias de informação no cotidiano educacional, também acarretou exclusões sociodigitais e defasagens no processo de ensino e aprendizagem.

## Contexto político do Brasil durante a pandemia

Este texto emergiu entre março de 2020 e março de 2021, em período de isolamento social causado pela pandemia propagada pelo novo coronavírus. Todas as ações descritas no trabalho foram em resposta à pandemia. Nesse sentido, a saúde pública era o foco do combate, contudo, outras áreas, como a educação e a economia, também travaram alguns confrontos:

Toda a atenção está nos desafios impostos aos sistemas de saúde, mas os sistemas de educação também são diretamente afetados: em pouco mais de três semanas, cerca de 1,4 bilhão de estudantes ficaram fora da escola em mais de 156 países. No Brasil, todas as escolas estão temporariamente fechadas e provavelmente continuarão assim por algum tempo (MUNÕZ, 2020, n. p.).

Vale destacar que o Brasil esteve, até o dia 16 de julho de 2020, por mais de 100 dias com um Ministro da Saúde interino e 27 dias sem ministro da Educação. Certamente isso agravou e fragilizou as instituições e políticas de saúde e de educação no combate à pandemia. Em março de 2021, completou-se um ano de enfrentamento da COVID-19 no país. Nesse intervalo de tempo, o país teve cinco ministros da Saúde.

Dessa forma, poucas diretrizes e orientações vieram por parte da esfera federal no que diz respeito à educação profissional. O Senac-SP teve como base para atuação os encaminhamentos e protocolos do governo estadual (SP), que se pronunciava periodicamente sobre questões referentes à educação básica, profissional, tecnológica, superior e complementar.

A quarentena no estado de São Paulo se iniciara no dia 22 de março de 2020 (SÃO PAULO), prevista inicialmente para ir até o dia 7 de abril do mesmo ano. No entanto, pelo agravamento da doença, até o dia 28 de março de 2021, mais de um ano depois, o país continuava com algumas medidas restritivas. Durante todo esse período, as escolas brasileiras tiveram que se adaptar, promovendo a educação remota por meio de plataformas e ambientes digitais.

## A importância da continuidade das ações educacionais

Como em um passe de mágica, de uma semana para a outra, as escolas brasileiras suspenderam as aulas presenciais e restringiram a circulação de pessoas em espaços de aglomeração por conta da crise de saúde propagada pela COVID-19. Além de proteger os alunos, fechar temporariamente as escolas minimizou as chances de que eles se tornassem vetores do vírus para o seu círculo social, sobretudo para idosos e demais grupos de risco, visto que em parte dos lares brasileiros há convívio entre eles. Segundo dados da PNAD (DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS, 2020), do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE), em 34,5% dos lares brasileiros havia pelo menos uma pessoa com 60 anos ou mais.

No que concerne à educação, o levantamento indica que 21,9% dos idosos moravam em domicílios onde alguém frequentava escola, apontando a importância da suspensão das atividades escolares presenciais. Com isso, a interrupção das aulas presenciais protegia alunos e familiares que conviviam no mesmo lar.

Os dados do parágrafo anterior abordam a necessidade de fechar temporariamente as escolas. Essa determinação de suma importância tinha efeitos positivos e necessários, mas também negativos, como descreve Munõz:

[...] o fechamento das escolas pode significar a interrupção do processo de aprendizagem, principalmente para crianças com alta vulnerabilidade. A ausência de interação entre estudantes e professores rompe o processo de aprendizagem, e se a pandemia durar muitas semanas, não será possível recuperar o tempo perdido quando as escolas reabrirem. Também se eleva o risco de aumentar as taxas de abandono escolar, especialmente entre os alunos de famílias em situação de alta vulnerabilidade. Isso poderia trazer uma queda significativa no nível de capital humano futuro (MUNÕZ, 2020. n. p.).

Os pontos apresentados por Muñoz (2020) ressaltam como a COVID-19 evidenciou ainda mais a necessidade de articular políticas educacionais voltadas à inclusão digital de educadores e educandos para que as perdas nos processos de ensino e aprendizagem se tornem menores e sejam reduzidas durante as aulas remotas.

Nas escolas do Senac-SP, a interrupção ocorreu no dia 16 de março. A partir dessa data, a gestão escolar teve um trabalho intenso, entre reuniões e articulações voltadas a orientar o que as equipes da escola fariam durante a quarentena, visando a proteção da saúde dos funcionários e a continuidade das atividades pedagógicas com as turmas.

Por esse ângulo, alguns encaminhamentos eram imperativos: nortear os funcionários, em especial a equipe de educadores, e informar os alunos sobre os próximos passos para a realização das aulas em ambiente digital. As decisões da instituição em âmbito estadual foram impactadas pela preocupação com a carga horária dos

Com isso, a interrupção das aulas presenciais protegia alunos e familiares que conviviam no mesmo lar

cursos, os cronogramas semestrais, as próximas turmas previstas, bem como as iniciadas/cursando e as que estavam próximas da conclusão, e também tendo em vista a saúde financeira da escola.

É importante ressaltar que durante a quarentena a escola de aprendizagem profissional descrita neste trabalho tinha aproximadamente 250 turmas, entre cursos técnicos, livres, qualificações profissionais, turmas do Programa Senac de Aprendizagem Profissional em Comércio de Bens, Serviços e Turismo, de ensino médio e de pós-graduações.

O cenário mais relacionado à sobrevivência financeira da instituição preocupava parte dos funcionários. O medo das equipes com a possibilidade de demissão também se fez presente. Afinal, cresciam as notícias sobre os prejuízos da pandemia à economia e à manutenção de alguns empregos. Segundo o IBGE (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, 2021) a taxa média anual de desemprego no Brasil foi de 14,3 milhões de pessoas em 2021, a maior já registrada desde o início de 2012, os dados fazem parte da PNAD Contínua. Vale destacar que outros países também foram economicamente afetados, segundo a OIT (2020). Quanto menor a capacidade dos países em lidar com o vírus, maior a taxa de desemprego. Logo, essa era uma preocupação de milhões de trabalhadores do país.

Afinal, o que fariam os colaboradores das equipes de limpeza, de manutenção, do atendimento, entre outros setores, trabalhando remotamente? Como os educadores que não se apropriaram das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) iriam planejar e mediar aulas por meios digitais? Não havia uma data exata para retorno ao ensino presencial, apenas previsões e estimativas. O período de trabalho adveio de intenso estudo e alterações nas rotinas de todos os setores da escola.

## O ensino remoto na realidade escolar do Senac-SP

Na perspectiva do trabalho remoto e do ambiente de aprendizagem digital, a plataforma escolhida pela instituição unificava comunicação e colaboração, combinando bate-papo, videoconferência, armazenamento de arquivos e integração de aplicativos. Contemplava ambientes educacionais (sala de aula e comunidade de aprendizagem) e servia para a comunicação entre funcionários.

Logo no começo da pandemia, no mês de março de 2020, alguns funcionários comunicaram não possuir computadores/*notebooks/tablets*. Nesses casos, a instituição emprestou aparelhos para os que precisavam. De pronto, os gestores deram o suporte necessário para suas equipes, seja emprestando *notebooks* das escolas ou auxiliando na inclusão na plataforma digital. No espaço de uma semana, todas as equipes estavam inseridas na plataforma. A instituição disponibilizou diversos tutoriais, treinamentos *on-line* e plantões de dúvidas para que todos pudessem se apropriar da conexão remota.

Na primeira semana, entre 16 e 23 de março de 2020, o Senac-SP optou por manter atividades pedagógicas que fomentassem vínculos entre educadores e educandos,

como forma inclusive de amenizar o clima que se instaurava nas residências de alguns alunos. A proposta era desenvolver ações lúdicas, de gamificação<sup>1</sup>, interativas, com teor leve e educativo, no sentido de não parecer uma aula, porém que visavam também a manutenção e a revisão dos conteúdos.

As abordagens por meio de questionários interativos, vídeos e jogos criam ambientes de aprendizagem baseados em desafios envolventes, motivadores para os estudantes que buscam novas formas de conhecimento e acabam por desenvolver questões cognitivas e sociais, habilidades motoras e algumas competências demandadas no mundo do trabalho. Tudo isso de maneira leve, misturando aprendizado e prazer. Nesse viés, a gamificação é um fenômeno emergente, que deriva diretamente da popularidade e da disseminação dos *games*, e de sua capacidade de motivar a ação, resolver problemas e potencializar aprendizagens (FARDO, 2013, p. 2).

---

### A gamificação deriva da popularidade e da disseminação dos *games*, e de sua capacidade de motivar a ação e resolver problemas

Os estímulos da instituição para a produção de conteúdos e de estratégias de aprendizagem digitais foram impulsionados pela promulgação da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, (BRASIL, 2020) do Ministério da Educação, que dispunha sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia em caráter emergencial. Nesse caminho, a instituição optou por dar continuidade às aulas de maneira remota.

As turmas realizariam ações educacionais digitais e, por meio do diálogo com o professor, escolheriam a melhor plataforma para o grupo (dessa forma ocorreu durante o ano de 2020, pois em 2021 o Senac elegeu uma plataforma unificada para as aulas), o tempo das aulas (visto que as atividades remotas tendem a durar menos tempo do que as presenciais) e a divisão de momentos síncronos (de mediação direta

do docente com os educandos) e assíncronos (de interação individual do estudante com o conteúdo produzido pelo educadores).

A escola tinha aproximadamente 70 docentes – entre monitores de educação profissional e professores – e seu foco de ensino era a modalidade presencial. A proposta pedagógica da instituição é orientada à prática das metodologias ativas e à utilização de meios digitais para favorecer a aprendizagem. Nesse caminho, ao menos metade desse grupo já atuava em tal perspectiva, por meio de estratégias de aprendizagem como a sala de aula invertida, a videoconferência, o desenvolvimento de projetos, a pesquisa colaborativa, as simulações/dramatizações, entre outras. Essa afirmação foi identificada por meio de respostas a um formulário enviado para a equipe docente sobre a apropriação das estratégias participativas de ensino e aprendizagem.

Em vista disso, nos primeiros meses de trabalho remoto, os mais engajados com as tecnologias e com a interatividade digital puderam contribuir com os demais. Não consistia apenas em conhecer as ferramentas, mas ter habilidades para usá-las e inseri-las no planejamento das aulas. Pressupondo que seja, portanto, um novo modelo mental de pensar a educação em todos os seus processos.

O debate a respeito das competências digitais incorporadas no trabalho docente não é recente, trata-se de uma discussão iniciada ainda no final da década de 1990. Visando o futuro da educação mais implicado nas tecnologias, a Unesco (1998) descreveu as atitudes e habilidades que os profissionais do século XXI deveriam ter, incluindo o desenvolvimento das TDICs, com o necessário envolvimento dos educadores no processo de educação e formação.

Perrenoud (2000) é um dos autores a analisar profunda e detalhadamente as competências docentes, em seu livro *Novas competências para ensinar*. O sociólogo analisou a profissão docente agrupando as competências em dez domínios ou famílias, entre elas: utilizar novas tecnologias. Essa competência se relaciona fortemente com todas as outras citadas pelo autor.

---

### A alfabetização digital é um dos objetivos para a educação de qualidade, essencial inclusive para o ensino presencial

No Brasil, o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2014) cita as tecnologias educacionais nas metas 5 e 7. Na meta 5, aponta a seleção, certificação e divulgação de tecnologias educacionais para a alfabetização de crianças. E na meta 7, além de selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, aborda a implementação das práticas pedagógicas no desenvolvimento de tecnologias educacionais e de inovação. Essas metas indicam que a alfabetização digital por parte de educadores e educandos é um dos objetivos para a educação de qualidade, essencial inclusive para o ensino presencial.

Contudo, faz-se necessário refletir e analisar como tais teorias, metas e marcos legais estão sendo desenvolvidos nas escolas, nas práticas pedagógicas. Assim como compreender como a União, os estados e os municípios estão empreendendo as ações para formação de educadores para as práticas digitais. Nesse sentido, cabem algumas indagações: como está sendo promovido o acesso digital aos educandos de diferentes regiões do país? Os cursos de licenciatura contemplam e viabilizam práticas digitais formativas para o uso nas diversas metodologias de ensino? Com tais questões, pretendo expor a existência de uma extensão de responsabilidades e atores sociais a serem incorporados e formados para que o ensino presencial, o ensino remoto, a educação a distância ou híbrida ocorram de maneira estruturada.

Atuar na perspectiva do ensino remoto pressupõe mudança em todos os aspectos da prática pedagógica. A avaliação, sendo um desses aspectos, também fez emergir discussão no grupo docente dessa escola do Senac-SP. A concepção de avaliação pedagógica do Senac-SP é orientada por pensadores da educação, tais como Jussara Hoffmann e Cipriano Luckesi. Por esse ângulo, a perspectiva da instituição, em nível estadual, considera os indícios e instrumentos avaliativos como parte do processo de ensino e aprendizagem, e devem ser utilizados em diversos momentos, não apenas no final desse processo. Portanto, com momentos de avaliação diagnóstica, formativa e somativa.

---

## Indícios e instrumentos avaliativos são parte do processo de ensino e aprendizagem, devem ser utilizados em diversos momentos

De acordo com Jussara Hoffmann (2003), todo o processo avaliativo tem por intenção: observar o educando, analisar e compreender suas estratégias de aprendizagem para então tomar decisões pedagógicas favoráveis à continuidade do processo. Para a autora, a avaliação é o acompanhamento do processo de construção do conhecimento.

Essa afirmação reforça a ideia de que não se deve inserir a avaliação unicamente como recuperação de notas e classificação do educando, visto que ela está incorporada como processo de qualidade na perspectiva da construção do conhecimento. Portanto, tem, antes de tudo, que se voltar ao desenvolvimento do pensamento, da ação, da reflexão e do questionamento. A avaliação está a favor da aprendizagem, portanto, deve dinamizar oportunidades de ação-reflexão com acompanhamento frequente do educador.

Luckesi analisa a avaliação com uma visão crítica, afirmando que ela pode exercer duas funções: a diagnóstica e a classificatória. De acordo com o autor:

Com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento; com a função diagnóstica, ao contrário, constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia, do crescimento para a competência etc. (LUCKESI, 2000 p. 35).

No caminho da avaliação diagnóstica, para além dos conhecimentos prévios dos educandos, orientou-se que cada docente dialogasse com as turmas para entender os recursos tecnológicos, o tempo e o espaço na residência que os estudantes dispunham para as aulas. Com isso, o planejamento pedagógico poderia ter maior assertividade e os processos de ensino e aprendizagem compreenderiam os desafios de cada estudante, de acordo com as condições sociais no momento da pandemia.

Entender e atuar em uma realidade escolar tão heterogênea tornou-se um dos maiores desafios e aprendizados do Senac-SP durante o período pandêmico. A abordagem dos docentes com os alunos, como um diagnóstico para o planejamento pedagógico, pôde gerar vínculos e atitudes de cuidado e confiança. O educador que não trabalha com a sensibilidade não consegue olhar e perceber os significados concretos de suas ações (Hoffmann, 2003).

Dessa forma, o processo avaliativo é singular no que se refere aos estudantes, e ações avaliativas inclusivas ou excludentes afetam diretamente os discentes. Nesse sentido, faz-se necessária uma reflexão sobre como se avaliam muitos educandos nas escolas e quais são os instrumentos e procedimentos adotados como justos para tal avaliação.

No contexto da pandemia, os instrumentos e indícios avaliativos, assim como todos os aspectos da prática pedagógica, se deram por intermédio de recursos digitais. Para exemplificar possíveis equívocos da avaliação pedagógica, abordam-se duas situações fictícias: 1) os alunos de determinada turma utilizam celulares para

acompanhamento das aulas, no entanto, uma das atividades avaliativas proposta pelo educador necessita da utilização de computador, com detalhes que não são possíveis identificar com o uso de um *mobile*<sup>2</sup>; e 2) o docente faz uma curadoria pedagógica com indicações de vídeos longos para estudantes que têm poucos dados/gigas de internet.

Apesar desses apontamentos, quando planejados de acordo com a realidade dos educandos, o uso desses recursos digitais pode motivá-los, por parecer que estão inseridos em um ambiente fora da escola, ainda mais quando eles são considerados nativos digitais. Segundo Moran:

As tecnologias digitais hoje são muitas, acessíveis, instantâneas e podem ser utilizadas para aprender em qualquer lugar, tempo e de múltiplas formas. O que faz a diferença não são os aplicativos, mas estarem nas mãos de educadores, gestores (e estudantes) com uma mente aberta e criativa, capaz de encantar, de fazer sonhar, de inspirar. Professores interessantes desenham atividades interessantes, gravam vídeos atraentes. Professores afetivos conseguem comunicar-se de forma acolhedora com seus estudantes através de qualquer aplicativo, plataforma ou rede social (MORAN, 2018, n. p).

Com essa observação de Moran, pode-se reforçar a importância de utilizar os recursos digitais nos ambientes educativos, viabilizando que a aprendizagem ultrapasse os limites físicos da sala de aula, mesmo no ensino presencial. Contudo, na realidade da educação profissional do Senac-SP, composta por grupos intergeracionais, que vivenciam diferentes contextos sociais e econômicos e com interesses distintos na educação, houve sem dúvida um desafio a superar: as desigualdades expostas no cotidiano das aulas.

De acordo com o IBGE (TOKARNIA, 2020) (PNAD Contínua, 2017), quase 70% das pessoas com mais de dez anos de idade acessam a internet no Brasil, 75% dos municípios têm acesso à internet e no domicílio o acesso via celular é predominante. Essa informação também foi constatada na realidade escolar do Senac-SP, pois grande parte dos alunos acessava as aulas pelo celular. Por isso, o planejamento pedagógico dos educadores visava a interface com celulares. Os profissionais que atuam na educação foram constantemente desafiados a repensar sua atuação, inovar e experimentar novas metodologias.

## **A prática educacional remota no Senac-SP: adaptações, avanços e exclusões**

A educação brasileira, mesmo com situações adversas, não parou. As escolas precisaram, em poucos meses, se reinventar, se adaptar, criar regras, combinados, formatos e aulas. No Senac-SP, de maneira rápida, realizou-se a transposição do ensino presencial para as aulas remotas, dialogando com as turmas e individual-



mente com alguns alunos, explicando a prática da educação digital e escutando as necessidades e limitações dos estudantes.

Uma primeira ação que merece destaque ocorreu nos primeiros meses de pandemia (março e abril de 2020): os coordenadores e a equipe de suporte pedagógico da escola se reuniram remotamente com os representantes das turmas de cursos técnicos. Esses encontros foram essenciais à compreensão das características de cada turma no formato digital. Os representantes discursaram sobre algumas das aflições de seus colegas e afirmaram que estavam ajudando uns aos outros e auxiliando no diálogo com os alunos que estavam com dificuldades de conexão à internet ou de tempo para estudar, evidenciando que a solidariedade foi uma característica presente no ambiente escolar durante a pandemia.

Em outros casos, a coordenação educacional participou de conversas duras com turmas que resistiam a participar das aulas remotas. Não obstante, o diálogo entre coordenação e alunos não era impositivo e ressaltava sobretudo algumas alternativas para que as turmas continuassem remotamente mesmo com as adversidades, tais como: mudança de horário das aulas, redução de carga horária e distribuição de atividades síncronas e assíncronas.

---

### **Formações rápidas e intensas também enriqueceram a coordenação e a supervisão educacional da escola**

Naquele momento, foi relevante entender os diversos motivos das turmas. A maioria dos alunos queria continuar o curso de maneira remota para que não houvesse alterações de cronograma, nem extensão na conclusão. Contudo, os alunos que não puderam interagir remotamente por falta de acesso à internet ou de recurso/equipamento para uso escolar foram orientados a aguardar, pois a escola faria ações de reposição e aulas de recuperação em ocasião oportuna. Ou seja, eles teriam perdas relacionadas às atitudes, aos valores e ao convívio com a turma de origem, mas acersariam aulas, conteúdos e trabalhos após a retomada presencial.

Tudo isso no contexto de uma pandemia sem previsão exata para o retorno presencial. Alguns alunos optaram por cancelar suas matrículas, outros resolveram trancar o curso.

A instituição estadual, em rede, criou estratégias e projetos que minimizavam os danos relacionados à evasão: facilitou a transferência de estudantes entre as unidades escolares, simplificando o processo de trancamento dos cursos sem perdas para alunos contemplados nos Programas Senac de Gratuidade (PSG) ou de Responsabilidade Social (RS) – ambos com o percentual de bolsa de 100% do valor do curso –, para que eles pudessem trancar o curso e retorná-lo em uma outra escola do Senac-SP, não necessitando aguardar uma nova turma na escola de origem.

A escola ofertou ainda oficinas gratuitas e abertas para todos os alunos sobre temáticas que foram prejudicadas na transição do presencial para o remoto. Não obstante, aos que buscavam continuar o curso, uma necessidade era evidente: acesso à internet e aparelho adequado para participação nas aulas. Infelizmente, naquele momento, alguns alunos não puderam dar continuidade ao curso.

Aos poucos as equipes dessa escola do Senac-SP foram incorporando as tecnologias na rotina de trabalho. No final de março de 2020, promoveu-se uma reunião pedagógica remota com a participação de mais de 120 funcionários, na qual orientou-se sobre a criação de conteúdos por meio de plataformas digitais, planejamento de atividades remotas e preenchimento do diário escolar. Além disso, foram articulados debates e formações focados em aplicativos que poderiam auxiliar no desenvolvimento do conteúdo das aulas.

O Senac-SP desenvolveu materiais que orientavam a respeito do planejamento, da mediação, das ferramentas e da avaliação no contexto digital. Formações rápidas e intensas também enriqueceram a coordenação e a supervisão educacional da escola, pois esses profissionais imergiram em conhecimentos e habilidades sobre esses espaços dialógicos e digitais para que pudessem orientar e formar as demais equipes.

Na prática pedagógica com os educandos, a equipe docente utilizou diversas estratégias e combinações. Algumas se sobressaíram e tiveram grande adesão entre educadores e educandos, tais como os murais digitais (que compartilham informações, dados e linhas do tempo), a criação de mapas conceituais (que apresentam visualmente palavras e as relações entre elas), instrumentos de comunicação (como *hangouts*), ferramentas de publicação e compartilhamento (conteúdos que podem ser alimentados e editados pelo grupo) e jogos que geram revisão e assimilação de conhecimentos, como o Kahoot!<sup>3</sup>.

O nível de aprofundamento e aprendizado não pôde ser equiparado às aulas no ambiente físico escolar. Os currículos e seus conteúdos foram afetados, assim como o desempenho dos estudantes. Isso é discutido e exposto em artigos e pesquisas feitos por instituições e pesquisadores do mundo todo (FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS, 2021).

Outra dificuldade encontrada se refere ao engajamento e à interatividade das turmas. A maioria dos alunos não ligava a câmera e o microfone para se expressarem durante as aulas. Também havia obstáculos e entraves em escolas particulares/privadas e, principalmente, públicas, além da disparidade de acesso à internet entre regiões do país:

Várias desigualdades devem ser consideradas além do nível socioeconômico dos pais; como diferenças significativas de conectividade entre as regiões brasileiras e entre o meio rural e urbano. Esta assimetria também pode ser observada entre escolas privadas e públicas (MUNÖZ, 2020, n. p.).

Essa disparidade pode ser confirmada em algumas ações pedagógicas nas regiões mais pobres do país. Na região Nordeste, no estado de Pernambuco, pela falta de acesso à internet e a aparelhos digitais, uma escola técnica estadual, por meio de uma rádio comunitária, teve a iniciativa de promover aulas radiofônicas para que os alunos pudessem escutar nos rádios de suas casas. Esse recurso representa parte

da desigualdade socioeconômica do Brasil, no entanto, ajuda a solucionar um pouco das mazelas sociais de forma inovadora. Transmissões via rádio também foram alternativas encontradas em outros lugares do país.

A maioria das escolas da rede pública não possui recursos para oferecer ensino remoto ou a distância, e ainda que tivesse, não teria como garantir que todos os alunos pudessem assistir às aulas nessa modalidade de suas casas. Nesse sentido, infelizmente, o princípio da equidade educacional está longe de ser garantido.

Outro debate que ocupou os diálogos entre docentes se relaciona ao silêncio durante as aulas. Com assiduidade o assunto sobre aulas silenciosas era pauta. Aos poucos, essa equipe aprendeu a interpretar alguns sinais dos alunos no ambiente remoto. Atualmente, entende-se que nem todo silêncio é descaso ou desatenção. Os monitores e professores estimulavam a participação e que as câmeras e os microfones estivessem ligados, mas respeitando as questões individuais e o ambiente de estudo de cada aluno.

No que diz respeito ao desenvolvimento dos alunos, algumas turmas abordaram os desafios das aulas remotas de maneira positiva, como algo que eles superaram coletivamente, sobretudo grupos em que grande parte dos alunos estava trabalhando remotamente e mais adaptada ao ambiente digital. Além disso, docentes que não utilizavam tecnologias digitais durante as aulas pesquisaram, estudaram e aprenderam a utilizá-las, ainda que não de maneira aprofundada.

## Considerações finais

**O virtual/digital foi elementar, mas também se mostrou excludente e ineficaz em alguns momentos**

Após mais de um ano de pandemia, grande parte em isolamento social, com as escolas fechadas, pouquíssimas atividades presenciais e ações pedagógicas ocorrendo digitalmente, pôde-se compreender a relevância de os pesquisadores da área da educação e de professores se aliarem com o intuito de fomentar as produções sobre educação e da cultura digital, do ensino híbrido e das metodologias ativas. Sem essas ferramentas e métodos, os profissionais da educação teriam pouco ou nenhum avanço nos processos de ensino e aprendizagem durante o período de distanciamento social.

No Brasil, vivenciamos experiências formativas de gestores e professores para o uso das tecnologias para aprendizagem, porém a falta de acesso à internet, de equipamentos adequados e de apropriação dos meios digitais ainda são elementos críticos. Durante o período pandêmico, na escola retratada neste trabalho, os alunos sem acesso à internet ou sem aparelhos digitais tiveram que interromper seus cursos, sem previsão exata de retorno. Tal fator pode desestimular a continuidade dos estudos, além de se caracterizar como mais uma desigualdade no ambiente escolar.

Entende-se que a escola, enquanto mecanismo social, reproduz os modos e a estrutura societária. Por esse ângulo, pode-se afirmar que a escola também produz desigualdades. Lutar por uma sociedade mais justa trará como consequência uma educação mais equânime em suas práticas de seleção, acesso, permanência e avaliação.

Por outro lado, assistiu-se diariamente – em noticiários, pesquisas e veículos de comunicação – a polêmicas e argumentações sobre o retorno presencial das atividades nas escolas, mesmo em momentos de avanço no contágio da COVID-19, evidenciando a necessidade do espaço escolar para a sociedade.

O virtual/digital foi elementar, mas também se mostrou excludente e ineficaz em alguns momentos. No Senac-SP, enquanto escola de educação profissional, a realidade se difere de outras instituições em infraestrutura e recursos físicos e humanos. A escola tem proposta e prática de acolhimentos humano e tecnológico, e mesmo assim se mostraram insuficientes em alguns momentos da pandemia.

Viveu-se um período de exceção, no qual foi preciso reinventar a escola e a educação. Professores experimentaram novos métodos, mostraram-se criativos e corajosos. As decisões tomadas pelas instituições de ensino foram urgentes e essenciais, valendo-se de plataformas e recursos digitais.

Parte das ações descritas neste trabalho se deu por meio da direção e gestão educacional, ao propor e articular formações contínuas e práticas sobre esses temas tão necessários. Nesse sentido, destinar tempo e espaço para discutir e aplicar as diversas estratégias das metodologias ativas foi um dos desafios vivenciados. De maneira contraditória, foi também uma das evoluções dessa escola no momento de repensar o seu fazer pedagógico. Assim como contar com a contribuição e a *expertise* de docentes que empregam as novas tecnologias nas aulas foi de grande valia para os que ainda não as utilizavam.

A escola finalmente chegou ao tempo da internet e da computação. Caberá a todos os trabalhadores da educação comprometidos com a educação pública integrar e interpretar esse processo. Quem não souber mergulhar na ocasião que a história nos coloca, ficará para trás. São tempos muito tristes estes, mas que nos trouxeram oportunidades pedagógicas (BOA INFORMAÇÃO, 2020).

Com relação aos aspectos financeiros, a escola Senac abordada neste trabalho perdeu alunos e teve diminuição significativa de novas matrículas nos seus diversos níveis de ensino. Afinal, um momento atípico pode provocar insegurança nas pessoas para iniciar ou retomar cursos.

Estudos e pesquisas apontam a perda e a defasagem de conhecimentos, habilidades e saberes escolares no período pandêmico e também na fase posterior a ele. Se já havia muito a pensar e a propor enquanto política educacional antes da pandemia, depois dela os desafios certamente serão ainda maiores.

Pode-se apontar alguns aspectos positivos ocorridos na escola em análise: mais de 95% das turmas continuaram as aulas remotamente. Com todos os empecilhos

do ensino remoto, em alguns casos, alunos ou a turma inteira solicitaram que mesmo após o retorno presencial as aulas prosseguissem digitalmente. Por diversas razões, como a economia com transporte público, a otimização do tempo de deslocamento e a facilidade de acesso ao conteúdo. Vale destacar que esses pedidos foram de turmas de cursos livres, com carga horária de curta duração.

As formações sobre planejamento, mediação e avaliação da ação educacional remota ganharam tónus. Em termos quantitativos, foram promovidas mais ações de desenvolvimento em 2020 do que em 2019. Outro fator importante de se destacar diz respeito à integração das equipes, visto que reuniões para intercâmbio de práticas pedagógicas com escolas do Senac-SP de outras regiões do estado aconteceram com maior periodicidade no formato digital do que ocorriam no presencial.

O pensamento estratégico e a colaboração entre as unidades escolares do Senac-SP também tiveram notoriedade na instituição: *e-mails*, conversas e chamadas de vídeo pela plataforma digital uniram funcionários de diversas regiões do estado.

Com a chegada das vacinas, o aumento do número de pessoas imunizadas e os avanços vivenciados no contexto educacional, faz-se importante buscar novas práticas pedagógicas que caminhem no sentido de ações digitais também no contexto do ensino presencial.

Apesar disso, com base nas desigualdades sociais, digitais e econômicas expostas pelas adaptações do presencial para o remoto, torna-se essencial criarmos alternativas e políticas públicas que vislumbrem: acesso à internet; condições para que a educação digital aconteça de maneira estruturada; formação continuada de docentes; e respaldo da gestão escolar para que tais ações formativas se tornem frequentes e dialoguem com as reais transformações da sociedade.

## Notas

<sup>1</sup> Gamificação é o uso de mecânicas e dinâmicas de jogos para engajar pessoas, resolver problemas e melhorar o aprendizado, motivando ações e comportamentos em ambientes fora do contexto de jogos.

<sup>2</sup> Nome atribuído aos dispositivos móveis, tais como *smartphone* e *smartwatches*, no mundo do *marketing* digital.

<sup>3</sup> Serviço gratuito para computadores pessoais (PCs) e também para *smartphones* que possibilita que o discente estude fazendo testes de perguntas e respostas.

## Referências

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 14,2% e taxa de subutilização é de 29,0% no trimestre encerrado em janeiro de 2021**. Rio de Janeiro: Agência IBGE Notícias, 31 mar. 2021. Estatísticas Sociais. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30391-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-14-2-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-29-0-no-trimestre-encerrado-em-janeiro-de-2021>. Acesso em: 31 mar. 2021.

BOA INFORMAÇÃO. **Alunos da zona rural do Pernambucano acompanham aulas pelo rádio**. [S. l.]: Boa informação, 19 jul. 2020. Disponível em: <https://boainformacao.com.br/2020/07/alunos-da-zona-rural-do-pernambuco-acompanham-aulas-pelo-radio/>. Acesso em: 26 mar. 2021.

BRASIL. **Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, 2014. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm). Acesso em: 8 abr. 2021.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 15 abr, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Planejamento da próxima década**: conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2014. Disponível em: [http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne\\_conhecendo\\_20\\_metas.pdf](http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf). Acesso em: 04 ago. 2022.

BRASIL. Portaria n. 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 53, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=18/03/2020&jornal=515&pagina=39>. Acesso em: 4 ago. 2022.

CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; STAKER, Heather. **Ensino híbrido**: uma inovação disruptiva? uma introdução à teoria dos híbridos. [S. l.]: Clayton Christensen Institute, 2013. Disponível em: <https://www.christenseninstitute.org/publications/ensino-hibrido/>. Acesso em: 7 abr. 2021.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. **A escola como espaço sócio-cultural**. In: DAYRELL, Juarez Tarcisio. (org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Quem são os idosos brasileiros. **Boletim Especial**, [s. l.], n. 1, 30 abr. 2020.

FARDO, Marcelo Luis. A gamificação aplicada em ambientes de aprendizagem. **Renote – Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, jul. 2013.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Educação pode retroceder até quatro anos devido à pandemia, aponta estudo**. [S. l.]: FGV, 22 jan. 2021. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/educacao-pode-retroceder-ate-quatro-anos-devido-pandemia-aponta-estudo>. Acesso em: 30 mar. 2021.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação, mito e desafio**: uma perspectiva construtiva. 32. ed. Porto Alegre, Mediação, 2003.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**: documentação dos microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico%202010.html> Acesso em: 02 fev. 2022.

IBGE. **PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: o que é. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 5 fev. 2022.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação de aprendizagem escolar**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MORAN, J. Tecnologias digitais para uma aprendizagem ativa e inovadora. Atualização do texto Tecnologias no Ensino e Aprendizagem Inovadoras do livro **A Educação que Desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papirus, 2012 5ª ed, cap. 4. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/11/tecnologias\\_moran.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/11/tecnologias_moran.pdf). Acesso em: 15 set. 2022.

MUÑOZ, R. **A experiência internacional com os impactos da COVID-19 na educação**. 2020. Disponível em: <https://pubdocs.worldbank.org/en/413781585870205922/pdf/POLITICAS-EDUCACIONAIS-NA-PANDEMIA-DA-COVID-19-O-QUE-O-BRASIL-PODE-APRENDER-COM-O-RESTO-DO-MUNDO.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

OIT. **Impactos en el mercado de trabajo y los ingresos en América Latina y el Caribe**. [S. l.]: OIT, 2020. Nota Técnica: Panorama Laboral em tiempos de la COVID-19. Disponível em: [https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/documents/publication/wcms\\_749659.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/documents/publication/wcms_749659.pdf). Acesso em: 10 fev. 2022.

PERRENOUD, Philippe. **Novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SÃO PAULO (Estado). **Decreto n. 64.881, de 22 de março de 2022**. Decreta quarentena no Estado de São Paulo, no contexto da pandemia do COVID-19 (Novo Coronavírus), e dá providências complementares. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/decreto-quarentena.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2022.

TOKARNIA, Mariana. **Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa**. Brasília, DF: Agência Brasil, 29 abr. 2020.

UNESCO. La educación superior en el siglo XXI: visión y acción. *In*: CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE EDUCACIÓN SUPERIOR, 1998, París. **Anais eletrônicos** [...]. Unesco: Paris, 1998.